

COMUNICADO DE IMPRENSA

APREN E ZERO RECLAMAM UMA MAIS FORTE EXPANSÃO DAS RENOVÁVEIS PARA 2018

A produção renovável, em 2017, apenas representou 44% do consumo de eletricidade, o que:

- Originou o aumento da produção de eletricidade de origem fóssil, responsável por um acréscimo de 4 milhões de toneladas de dióxido de carbono, em relação a 2016.
- Complementarmente os grandes incêndios de 2017 foram responsáveis por um acréscimo de emissão de gases com efeito de estufa na ordem de 7,1 milhões de toneladas em relação a 2016.

Não obstante, os benefícios das renováveis em 2017 ainda foram significativos, pois permitiram:

- A redução do preço médio da eletricidade transacionada no mercado grossista com um benefício para o consumidor de 727 M€¹;
- Poupanças na importação de 770 M€ de combustíveis fósseis e contribuição para a autossuficiência energética.

A APREN – Associação Portuguesa de Energias Renováveis e a ZERO – Associação Sistema Terrestre Sustentável fazem um balanço do setor em 2017 e apelam à aposta consistente nas energias endógenas e renováveis como forma de aumentar a autonomia energética do país, em linha com os objetivos de descarbonização do Acordo de Paris, que passam por limitar o aumento da temperatura no planeta a 2,0 °C.

2017 foi um ano cheio de desafios para o setor eletroprodutor, pois a condição de seca extrema que se fez sentir na grande maioria do ano, veio demonstrar a importância e a necessidade de um *mix* energético diversificado, no qual as interligações com o exterior e a bombagem hidroelétrica tiveram um papel fundamental de regularização de preços e de segurança de abastecimento.

A produção de eletricidade a partir de fontes renováveis em Portugal Continental representou apenas 44 % do consumo de eletricidade, tendo, porém, acrescentado **importantes ganhos** para a economia do setor, dos quais sobressaem:

- A **redução do preço médio da eletricidade transacionada no mercado grossista da ordem dos 18,3 €/MWh**, o que representa um **benefício para o consumidor em 2017 de 727 M€¹**;
- **Poupanças na importação de 770 M€ de combustíveis fósseis**, e consequentemente aumento da autossuficiência energética;
- **O evitar da emissão de 8,5 milhões de toneladas de CO₂**, 82,5 mil toneladas de CH₄ e 8,25 toneladas de N₂O, entre outros componentes gasosos.

¹ Valor estimado com base nos dados mais recentes (setembro de 2017) das ofertas de produção disponibilizadas pelo operador do mercado ibérico de eletricidade.

A eólica foi a tecnologia renovável que gerou mais eletricidade - 11,9 TWh, seguida da eletricidade de origem hídrica (7,3 TWh), da bioenergia (2,8 TWh) e da solar fotovoltaica (0,8 TWh).

António Sá da Costa, Presidente da APREN, afirma que: *“Os benefícios das renováveis superaram largamente, mais uma vez, os seus custos colocando-as como a solução mais custo-eficaz para o sistema elétrico nacional. Contudo, em 2017, os acréscimos de nova potência foram residuais, especialmente no caso da solar, que só cresceu 3%”*.

“Assinalo o ano histórico da bombagem hidroelétrica resultante da plena exploração dos novos aproveitamentos de V. Nova III e de Foz Tua, o que permitiu nivelar preços de mercado e evitar situações de eventual rutura de abastecimento”, conclui **António Sá da Costa**.

Por seu lado, Francisco Ferreira, Presidente da ZERO, considera que: *“Portugal tem de investir muito mais na eficiência energética e nas energias renováveis para ser neutro em carbono em 2050 e esse investimento tem de ser fortemente acelerado. O aproveitamento da energia solar é crucial e é preciso informar, simplificar e ultrapassar os obstáculos que impedem termos muito mais edifícios com telhados preenchidos com painéis fotovoltaicos ou no caso de grandes parques solares dando preferência a áreas sem outra utilização significativa”*.

“É fundamental assegurar que os investimentos sejam feitos de forma sustentável do ponto de vista ambiental, não explorando a biomassa com qualidade para outras utilizações industriais mais relevantes no contexto da economia circular ou destruindo floresta importante na retenção do carbono”, reforça **Francisco Ferreira**.

Emissões record em 2017

As emissões associadas à produção de eletricidade não renovável no ano de 2017, foram de aproximadamente 19,4 milhões de toneladas de dióxido de carbono, um aumento de cerca de 4 milhões de toneladas em relação ao mesmo período do ano passado (+25%). Com os efeitos da seca na produção de eletricidade e com grandes áreas ardidas, o ano de 2017 é o ano com maiores emissões de gases com efeito de estufa em Portugal desde o início da década. Em 2017 por cada kWh consumido foi emitido 360 g de CO₂.

Em suma, o acréscimo de emissões entre 2016 e 2017 foi da ordem dos 20%, resultante dos incêndios (+7,1 milhões de toneladas) e do aumento da produção de eletricidade de origem fóssil.

Perspetivas para 2018

A APREN e a ZERO consideram que é importante consolidar e alargar a integração de novas energias endógenas e renováveis no nosso *mix* energético pois só assim se conseguirá maior segurança de abastecimento, menor dependência da volatilidade de preços dos combustíveis fósseis importados e a minimização das emissões.

Para 2018 aguarda-se, em particular e com grande expectativa, um grande desenvolvimento da eletricidade solar fotovoltaica e da bioenergia, condições essenciais para o aproveitamento do

elevado potencial do nosso País na irradiação solar e na biomassa florestal.

No caso da solar fotovoltaica é de salientar a continuada e importante redução de preço nos últimos anos - cerca de 7 vezes, nos últimos 10 anos - o que coloca esta tecnologia no ranking das mais competitivas. É pois, importante que, em 2018, Portugal se possa posicionar como impulsor desta tecnologia através de políticas e condições legislativas que promovam o seu desenvolvimento.

Por outro lado, os incêndios devastadores de 2017, realçam a necessidade de um melhor ordenamento do território e de um efetivo sistema de recolha da biomassa exclusivamente residual. Nesse sentido, ambas as associações saúdam o novo Plano Nacional de Defesa da Floresta contra Incêndios, que prevê, entre outras iniciativas, o desenvolvimento de novas centrais a biomassa, distribuídas pelos concelhos de maior potencial, antecipando-se que 2018 seja marcado por uma exploração sustentável da bioenergia nacional.

Descarbonização da Economia Portuguesa

Espera-se que, na sequência do anúncio da adesão de Portugal à “*Powering Past Coal Alliance*”, aliança criada na COP23, em que os seus subscritores se comprometem a encerrar as suas centrais térmicas a carvão até 2030, e com a declaração por parte dos nossos Primeiro-Ministro e Ministro do Ambiente do objetivo da neutralidade carbónica em 2050, o ano de 2018 seja marcado por ações e medidas concretas com uma maior ambição climática, em linha com o objetivo traçado, que potenciem a transição para uma economia livre de carbono.

Lisboa, 7 de janeiro de 2017

Contactos:

Francisco Ferreira, Presidente, ZERO

Tlm: (+351) 969 078 564

E-mail: francisco.ferreira@zero.org

Luís Santos, Responsável de Comunicação, APREN

Tlf: (+351) 213 151 621

E-mail: luis.santos@apren.pt